

A juventude na era da mobilidade: impactos e apropriações dos smartphones na sociedade contemporânea¹

Nadjaria Kalyenne de Lima ANTERO²
Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO³

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de conclusão de curso, desenvolvida no departamento Comunicação Social da UEPB, que buscou analisar a utilização de smartphones por jovens estudantes universitários. As opiniões dos entrevistados foram coletadas através de questionários, no sentido de compreender os impactos desses dispositivos na comunicação e nos novos arranjos de sociabilidade que permeiam o cotidiano da juventude. O estudo, fundamentado nos pressupostos teóricos de Castells (2001), Bauman (2001), Maffesoli (2010), entre outros, apontou que as relações interpessoais sofrem alterações identitárias decorrentes das novas formas de sociabilidade forjadas pelos dispositivos móveis e que essa realidade é perceptível sobretudo na faixa etária pesquisada, mais aberta ao cenário das tecnologias da comunicação.

Palavras-chave: Smartphone. Sociabilidade. Sociedade líquida. Identidade. Juventude.

Abstract

This research aimed to identify the relationship of mobile devices with sociability process among young public. This study refers, specifically, to the use of smartphones of undergraduate students from Paraíba State University (UEPB) in Campina Grande. Respondents' opinion, which base this research, were collected using questionnaires, in order to, as Santaella (1992) says, comprehend nuances of individual's relationship with new communication technologies in their daily lives, to understand how such devices might interfere in contemporary sociability construction. The results indicate that interpersonal relationship, which pass through individuality level suffer identity changes due to new ways of sociability wrought by mobile devices. Such reality is mainly noticeable among young people, who are more open to communication technologies.

Key words: Smartphone. Sociability. Liquid society. Identity. Youth.

¹ Este artigo é o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação Social da UEPB, apresentado em 22 de julho de 2014. E-mail:

² Graduada em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Titular do Curso de Comunicação Social da UEPB. E-mail:

Introdução

A ‘revolução’ comunicacional, decorrente do surgimento e evolução de diferentes veículos, a exemplo do rádio, jornal, televisão, deu início a democratização do conhecimento, a partir dos registros e da etapa de industrialização, que permitiu a acessibilidade dos livros em escala global. Esse contexto nos faz perceber que o homem, no decorrer dos anos, foi aprimorando soluções para se comunicar com o mundo e seus semelhantes tanto para sua sobrevivência ou seu convívio social.

Após décadas, o cenário virtual, através do ciberespaço, tornou possível novos modos de se comunicar via plataformas que produzem diferentes formas de socialização, momento histórico contemporâneo que configura o rompimento das fronteiras e distâncias geográficas. Assim, alcançamos um intenso avanço tecnológico que permeia todos os espaços e possibilita a circulação de múltiplas informações pelo trânsito da Internet.

Contudo, a velocidade informacional sugere que Castells (1999) nos lance o seguinte questionamento: “a Internet favorece a criação de novas comunidades, comunidades virtuais, ou, pelo contrário, está induzindo ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com a sociedade e, por fim, com o mundo ‘real’”? (CASTELLS, 1999, p.442).

Hoje, no atual modelo de sociedade, convivemos com dispositivos móveis de comunicação que oferecem um campo vasto de inúmeros aplicativos, ferramentas de pesquisas, interatividade e navegação. Na rede, diversos públicos começam a se inserir em grupos com características em comum, buscando os mesmos objetivos de facilitação dos contatos no cotidiano. Observamos que principalmente a juventude mostra-se ávida por novidades tecnológicas, tornando-se público consumidor de informação e/ou entretenimento, que constituem as vantagens oferecidas pelas tecnologias.

As transformações desses meios tecnológicos, desde o aperfeiçoamento dos aparelhos celulares até o reflexo que eles causam nas relações humanas, despertaram o interesse por esse contexto, o que nos levou a estudar os desdobramentos da temática a fim de compreender como os grupos de jovens estão lidando com esses dispositivos, especialmente os smartphones. Assim, o estudo partiu do seguinte questionamento: de

que modo os dispositivos móveis refletem as transformações na comunicação e nas relações humanas no contexto da sociedade informacional?

Nessa perspectiva, a investigação restringiu-se ao público que se apropria desses dispositivos móveis, considerando uma amostra que inclui jovens (de 20 a 25 anos de idade), universitários. Para este artigo, apresentamos um recorte de interlocução relacionado a um grupo de cinco estudantes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) do curso de Comunicação Social com bacharelado em Jornalismo, e cinco do curso de Serviço Social da mesma instituição.

A crescente evolução dos meios tecnológicos indica a passagem do analógico para o digital, isto é, o objeto que antes era usado em pontos fixos adquire a utilização contínua seguida da mobilidade. O telefone celular criado apenas para o envio de torpedos e ligações telefônicas, pacote básico dos serviços iniciais, hoje oferece à sociedade aplicativos variados que possibilitam a interatividade e a solução de problemas, que antes dependiam do deslocamento das pessoas, a exemplo das operações bancárias. Dessa forma, em contextos permeados pela convergência digital fruto das tecnologias da informação e comunicação (TIC's), a sociedade se modifica em meio à linguagem multimídia.

Assim, em distintos lugares, preenchidos por inúmeras raças, costumes e gostos, ultrapassando as limitações territoriais, vivenciamos a era da convergência e das relações de conexão tecnológica. Distinguindo a sociedade atual das passadas, observamos que a rede implica a existência de um conjunto de pessoas interconectadas, inseridas no cenário denominado por Castells (2001) de Sociedade em Rede, marcado pela dinâmica de fluxos informacionais, que agrega “poder” aos grupos e processos produtivos:

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. [...] Eu afirmaria que essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social (CASTELLS, 2001, p. 565).

Com esse foco, o artigo expõe as características da juventude em meio à sociedade líquida (BAUMAN, 2001), tecendo comentários acerca das novas relações de sociabilidade que se forjam nas tribos (MAFFESOLI, 2010) de comunicação móvel e tecnológica, tentando compreender as mudanças do tempo presente.

Juventude em tempos convergentes

Com a finalidade de elucidar a categoria juventude, procuramos autores que trouxessem explicações do que significa a fase do “ser” jovem e descobrimos inúmeros posicionamentos em torno do tema.

De acordo com Ferreira (2009 apud CASTORIADIS, 1986), a lógica conjuntista-identitária é um conjunto de elementos com funções definidas e determinadas pelos fatores sócio-históricos. Uma vez ligado ao sócio-histórico, esse elemento (categoria) sofre significativas transformações à medida a que própria sociedade se modifica com o passar dos anos.

O presente estudo utilizou o método do tipo exploratório, isto é, a análise procurou compreender em profundidade as avaliações e opiniões dos entrevistados, adotando a literatura especializada como embasamento teórico. Trata-se de um procedimento qualitativo que, nas palavras de Neves (1996), significa que o estudo admite a inserção de dados descritivos.

Os entrevistados foram identificados como “Usuário 1”, “Usuário 2”, “Usuário 3”, e assim sucessivamente. A determinação partiu da característica em comum de que todos se apropriam de telefones celulares, no modelo de smartphones. Entretanto, para não causar constrangimentos ou sentimentos similares, os respondentes não quiseram se identificar, condição que respeitamos.

A Usuária 1, ao mencionar os tipos de funções do dispositivo móvel e os aplicativos mais utilizados, elencou uma série deles: “No celular, utilizo mais internet, player de música, câmera fotográfica, e-mail e bloquinhos de anotação. Os aplicativos que eu mais utilizo são 6tag (similar do Instagram para Windows Phone), Angry Girls (planejador/calendário de tpm), caderninho de gastos, lista de compras, Piclab, gravador e WhatsApp”, disse a graduanda de 21 anos, do curso de Comunicação Social.

Ela aponta que a partir dessas funções e aplicativos, se dá a construção diária de seus afazeres pessoais. Por exemplo, com a contribuição de bloquinhos de anotações e o gravador, a jovem é capaz de complementar suas atividades no trabalho e na universidade. Desse modo, ela diz conseguir cumprir o papel de “estagiária” e “estudante”. Na compreensão de Castells (1999) há diferenças entre um conjunto de papéis e a identidade do indivíduo. Nas palavras do autor:

Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo. [...] Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Defino significado como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator (CASTELLS, 1999, p. 23).

Zygmunt Bauman (2001) aborda um conceito que está relacionado aos jovens e telefones celulares. Trata-se da “modernidade líquida”, que serve para identificar um novo modo de “reconhecer” os usuários da tecnologia:

Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (inventados para o uso dos nômades que têm de estar ‘constantemente em contato’), pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade (BAUMAN, 2001, p. 149).

A Usuária 1 ainda afirma que, enquanto utiliza o dispositivo móvel, realiza outras atividades no cotidiano, como exemplo, o ato de cozinhar. Mas não sabe afirmar se tais tarefas são realizadas com sucesso. “Eu sempre tento raciocinar sobre a conversa por uma segunda vez, pra saber o que vou dizer. E às vezes respondo no WhatsApp, por exemplo, algo que foi perguntado por outra pessoa ao meu redor. Obviamente penso que uma das ações é prejudicada”, declara.

Marx (1973) citado por Hall (2001) comenta sobre a modernidade tardia, que nas palavras de Bauman (2001) é a sociedade líquida. Os autores concordam que uma das consequências desses novos tempos é a mobilidade e instabilidade geradas, causando a fragmentação dos laços humanos, realidade vivenciada pelo indivíduo no século XXI. O que significa, nas palavras de Marx, compreender que esse processo indica:

o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar... (MARX et all ANGELS, 1973, p. 70).

A entrevistada vai além, ressaltando que, em alguns momentos, considera-se uma pessoa “viciada” em dispositivos móveis. Mas, isso nos permite indagar: seriam os aparelhos tecnológicos responsáveis pelas mudanças no comportamento do indivíduo?

A identidade na pós-modernidade é vista, de forma peculiar, em processos de descontinuidades, o que pode torná-las diferentes da sociedade tradicional. No plano de extensão, as transformações engendram formas de interconexão social (GIDDENS citado por HALL, 1990, p. 21).

A partir de então, percebemos que uma única pessoa é capaz de desenvolver diferentes “identidades” através dos dispositivos, conforme a situação momentânea, quando estas passam a construir novos papéis, ensaiar comportamentos adaptáveis a cada situação.

O Usuário 2, estudante de Comunicação Social, revela que as redes sociais (Facebook, Twitter, WhatsApp e Instagram) são as páginas mais acessadas por ele, pois é através dessas redes de relacionamentos que o jovem desenvolve, produz e estabelece a “permanência” de seus relacionamentos diários, configurando as “tribos” as quais pertence.

O conceito de tribos se assemelha a experiência vivenciada pelo entrevistado, que Maffesoli (2010) define como a “constituição de microgrupos que se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação” (MAFFESOLI, 2010, p. 224).

Com as ferramentas do conhecimento e informação, os smartphones modificam, mesmo que de modo sutil, as relações humanas. É o que afirma o Usuário 2, explicando que uma ação cotidiana pode estar atrelada a outra, causando “desatenção”. Conforme seu ponto de vista:

Há possibilidades das ações serem prejudicadas no ponto de vista prático, interferindo nas relações comunicacionais. A partir do momento que há interrupções nas atividades diárias, pode se considerar maléfico. Situações onde o indivíduo está conectado, concentrando sua atenção na rede, quando

durante uma conversa presencial com amigos, uma das ações sofre alterações, seja a falta de atenção ou diálogo.

Consensualmente, o jovem concorda que há diferenças relevantes. No entanto, destaca o aumento de pessoas em suas redes sociais, fato que modificou os ciclos de amizades presenciais, julgando que, desse modo, as relações parecem “mais intensas e duradouras”.

Em contrapartida a esse posicionamento, Bauman (2003/2004) aponta características do indivíduo pós-moderno, que podem afetar negativamente as relações pessoais. Em *Amor Líquido*, o autor destaca a fragilidade dos laços humanos em um novo cenário mundial. Já na obra *Modernidade Líquida* (2000/2001), discute a fluidez, a internet e os dispositivos móveis, ressaltando a “fraqueza” que caracteriza as relações virtuais, a fragilidade que envolve os novos contatos.

Os dois primeiros entrevistados concordam num aspecto: acreditam que as pessoas não-portadoras dos dispositivos móveis estão excluídas da atual sociedade contemporânea, citando um descompasso no processo da comunicação. Acontece que o sujeito pós-moderno, como o próprio nome faz referência, está inserido em um plano tecnológico/moderno exigindo de cada ser a constante atualização sobre esses novos meios. Não estar a par dessas tecnologias, na concepção de ambos, é estar excluído do meio digital.

Notamos que entre os pesquisados, das redes sociais, a mais utilizada é o WhatsApp, aplicativo gratuito por tempo determinado, espécie de "chat" online no qual é possível dialogar com inúmeras pessoas ao mesmo tempo, o que amplia os grupos. Os números telefônicos de cada indivíduo constituem o endereço de cada um, tornando-se a maneira pela qual se procura o contato desejável. Ainda sobre o aplicativo, é possível criar grupos semelhantes às comunidades virtuais. Sobre o tema, Castells (2003) assinala um parâmetro comum entre esses espaços de sociabilidade, relativo a construção da identidade e a juventude, afirmando:

A representação de papéis e a construção da identidade como base de interação on-line representam uma proporção minúscula da sociabilidade baseada na Internet, e esse tipo de prática parece estar fortemente concentrado entre adolescentes. De fato, são os adolescentes que estão no processo de descobrir sua identidade, de fazer experiências com ela, de descobrir quem realmente são ou gostariam de ser, oferecendo assim um

fascinante campo de pesquisa para a compreensão da construção e da experimentação da identidade (CASTELLS, 2003, p. 99).

Os entrevistados mostram que os smartphones são necessários para esses tipos de “experimentação” citados pelo autor. Para o Usuário 3, não há problemas em conciliar o uso do aparelho pessoal com outras atividades diárias. “Dá para conciliar o uso do meu smartphone atrelado às conversas e interação com amigos, isso não atrapalha minhas ações”. Ele vai descobrindo, no cotidiano, modos de conciliação que, em sua opinião, não afeta a sociabilidade.

Segundo a Usuária 4, em concordância com alguns entrevistados, afirma ser possível manusear os dispositivos, porém, a atenção nunca é destinada inteiramente para uma única “coisa”, o que acaba, no seu entender, penalizando as interações interpessoais. Afinal, algumas tarefas requerem o nosso foco e interesse, sob pena de produzir prejuízos nos resultados.

Wellman (1979) citado por Castells (1999) mostra que as comunidades virtuais não, necessariamente, opõem-se às comunidades físicas, mas que acompanham novas formas de agrupamentos. Para o autor, no decorrer dos anos, foram surgindo comunidades pessoais nas sociedades avançadas, cujo espaço é definido hoje como rede social de laços interpessoais informais.

No caso dos Usuários 03 e 04, eles concordam que com a demanda de informações que os smartphones podem disponibilizar, passou a ser mais acessível interagir, encontrar e se comunicar com os amigos, inclusive, através das comunidades criadas nas redes. O Usuário 03 confessa que “dá para deixar recados e recebê-los quando necessário, facilitando este contato. E acho que as mudanças foram positivas”.

Dessa forma, com base na afirmação do Usuário 03, lembramos a ideia do que poderia significar o on-line e o off-line, ‘status’ das redes sociais em que o usuário pode tornar-se visível e invisível para quem desejar, recebendo as informações quando lhe for oportuno. Contudo, para os excluídos digitais, aqueles que não têm condições econômicas de se inserir nesse contexto tecnológico, o off-line significa desigualdade social, sobretudo se considerarmos as disparidades de renda e poder aquisitivo existentes no país.

Como já discutimos, um dos grandes problemas na sociedade moderna é a fragilidade e instabilidade da identidade pessoal, permeada pelo desafio de distinguir

com nitidez as personalidades de cada indivíduo. Por isso, entendemos que entre essas oscilações de modo de ser on-line e off-line, as pessoas podem mostrar o que gostariam de ser, ou o que realmente podem vir a ser, ocultando suas reais personalidades. Assim, os autores citados nos mostram que as identidades não possuem características fixas, e que, assim como as *selfs*, o indivíduo pós-moderno, com a inserção dos aparatos tecnológicos, sofre transformações nos processos de sociabilidade, uma vez que seu EU é reinventado através das novas experiências de convívio que se sucedem.

A Usuária 05, aluna de Comunicação Social, declarou que com a ajuda do telefone celular efetua e recebe ligações telefônicas, faz uso da agenda de contatos, reproduz/edita fotografias e vídeo. Em seu trabalho, alguns aplicativos são essenciais, a exemplo do WhatsApp. “No WhatsApp eu realizo troca de mensagens instantaneamente e ainda dá tempo de bater um papo com os meus amigos”. Ela complementou que com a ajuda da conexão online do dispositivo móvel, *smartphone*, é possível acessar sites personalizados, o que facilita a busca de informações diversificadas.

Tramontano (2002) reitera a perspectiva de que as novas tecnologias da informação e comunicação estão transformando a rotina das pessoas. Ele explica sobre os novos processos de sociabilidade e interatividade entre essas duas esferas, analisando os indivíduos e citando, por sua vez, os telefones celulares nos processos atuais de consumo:

A essa tendência vem somar-se uma outra: a de que o custo final de muitos desses dispositivos tem diminuído, a ponto de permitir sua disseminação entre grupos domésticos de menor renda, como ocorreu com os televisores, já há algumas décadas, e, bem mais recentemente, com os aparelhos telefônicos móveis – os celulares (TRAMONTANO, 2002, p. 03).

Castells (1999) e Tramontano (2002) ressaltam laços sociais, considerados por suas intensidades e variedades. Neste aspecto, partimos para a percepção dos conceitos de sociabilidade, pois para o sociólogo Castells (1999) há uma distinção entre os laços fracos e fortes. Com as tecnologias, as redes de relacionamento se expandem para além dos padrões socialmente demarcados, como costumava ocorrer:

Os laços fracos são úteis no fornecimento de informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo. A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio, da comunicação. De fato, tanto off-line quanto on-line, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas

características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-reconhecimento (CASTELLS, 1999, p. 445).

Os smartphones, de fato, ampliam os vínculos afetivos e sociais, embora não se possa mensurar com exatidão seus impactos entre usuários e aparelhos, o que requer pesquisas e análises de maior proporção. Com inúmeras funções e aplicativos, o celular exige a atenção do usuário, fazendo com que ele se envolva através da música (aplicativos de som), conversas (chats, aplicativos de conversação), e-mails (sites ou aplicativos), contas bancárias (internet banking), leituras de livros, artigos para download (pdf), para citarmos alguns.

Os alunos do curso de Serviço Social também responderam os questionários e relataram sobre as formas de uso e os impactos causados pelos dispositivos móveis nas relações sociais. Encontramos algumas diferenças entre esse grupo e o anterior, pertencente ao campo da comunicação. Dois entrevistados desse curso relataram não possuir smartphones. Mas os Usuários 07 e 08, apesar de não terem o dispositivo, realizam chamadas telefônicas e enviam mensagens de texto. Exceto a Usuária 08, que usa o aplicativo WhatsApp no computador pessoal. Para eles, é possível conciliar outras atividades com o manuseio do celular, e isso não oferece problemas no cotidiano.

A Usuária 08 diz ainda que com o advento das novas tecnologias, apesar de algumas facilidades, alguns impactos são negativos, pois, na sua opinião, “o aparelho celular é capaz de criar fronteiras, isto é, o distanciamento entre pessoas em um mesmo ambiente físico”. Em contrapartida, a Usuária 07 discorda, minimizando o lado negativo e ponderando que os impactos desse contexto “variam de acordo com a forma que cada indivíduo utiliza a tecnologia”.

A pesquisa mostrou os indícios de uma juventude convergente, em sua maioria ligada às novas tecnologias da comunicação, e que passa por transformações de sociabilidade que se verificam em nível individual. Entretanto, os dados não atestam que os smartphones sejam os “vilões” dessa nova conjuntura, pois os comportamentos da juventude sofrem oscilações decorrentes das questões que os envolvem e da busca constante pela reafirmação de suas identidades, o que depende de outros fatores e circunstâncias, não necessariamente atreladas à tecnologia.

Consequências dos novos processos de socialização

Os laços construídos entre as pessoas sejam no espaço do trabalho (funcionário-chefe), entre familiares, amigos ou mesmo casais sofrem constantes mudanças. Bauman (2001) faz uma breve distinção entre os objetos sólidos e líquidos. Tendo em vista que o conceito propagado por ele é o da liquidez das ‘coisas’, os objetos líquidos não possuem um formato definido, submetendo-se a possibilidades de filtros e deslocamentos. Nas suas palavras:

(...) O momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas - os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vidas conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p.12).

Ele discute sobre a ‘autoconstrução individual’, realidade vivenciada pelos sujeitos pesquisados, se considerarmos a presença dos smartphones em suas vidas e a intensidade de como esses objetos pautam suas ações. A maioria das rotinas dos pesquisados aponta essas escolhas individuais. Por exemplo: a função de despertador para a Usuária 09 permite ser uma de suas primeiras ações. Com o manuseio do dispositivo móvel as ações como essas são facilitadas. Os entrevistados, ao elencarem inúmeras atividades realizadas com o dispositivo móvel, nos permitem concluir que a sociedade em rede, trabalhada por Castells (1999), tem adquirido novas ramificações com a contribuição dos aparelhos celulares.

Wolton (2007) busca compreender a ascensão das novas tecnologias da comunicação, quando os dispositivos móveis estão incluídos na categoria tecnológica, e a razão pela qual esses aparelhos conquistam um considerável número de pessoas. Segundo ele:

A variedade de motivações ilustra, aliás, o fato de que estas novas tecnologias sejam investidas de muitas outras coisas que puramente a função técnica. Trata-se, no conjunto, de modificar as relações humanas e sociais, o que prova o quanto, na área de comunicação, se gera símbolos e utopias, sem grande relação com as performances dos instrumentos. O termo que convém aqui é o de transferência (WOLTON, 2007, p. 86).

Wolton (2007), face às novas mídias, compreende que a forma de manusear equipamentos eletrônicos tem se refletido no cotidiano das pessoas, dizendo que a sociedade contemporânea estaria imersa numa ‘solidão interativa’.

Todavia, é característica do sujeito pós-moderno buscar a rapidez, ser ágil e instantâneo em suas ações. Em dias acelerados, as pessoas se ocupam de diferentes compromissos a serem cumpridos. Bauman (2001) diz que pessoas que apresentam esses aspectos “dominam” a sociedade, já os outros são “dominados” pelas circunstância, como se fossem “atropelados” pela velocidade do mundo. Vejamos:

As pessoas que se movem e agem com maior rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam. E são as pessoas que não podem se mover tão rápido – e, de modo ainda mais claro, a categoria das pessoas que não podem deixar seu lugar quando quiserem – as que obedecem (BAUMAN, 2001, p. 139).

Apesar de alguns entrevistados apontarem desapego pelos aparelhos celulares, e reafirmarem não se sentirem excluídos da sociedade, ou desinformados sobre as novas tecnologias da comunicação, observamos que os jovens pesquisados cumprem tarefas e estabelecem laços virtuais por esses dispositivos, ainda que esse uso produza fragilidade, desatenção, às suas relações interpessoais.

Santaella (2003) argumenta que o surgimento de novos ambientes comunicacionais citando aspectos positivos sobre salas de bate-papo (chats) e usos dos e-mails. Nesses ambientes os usuários passaram a ter novas fontes de conhecimento, amizades, aprendizados e curiosidades em rede. Entretanto, a demonstração de sentimentos e a vida privada exposta nas redes sociais poderia ser uma forma de “fugir” da realidade para alguns usuários, o que sugere indícios de isolamento social.

Mas a cada instante as redes sociais atraem e possibilitam a interação dos jovens, conquistando novos adeptos. Entre os entrevistados, 90% disseram que utilizam com frequência essas redes nos dispositivos móveis diariamente. Assim, concluímos que para esses indivíduos, os espaços virtuais são interessantes a ponto de estarem conectados em uma virtualidade cultural proporcionada pelas novas mídias, mas sem pensarem a respeito dos seus reais impactos na sociabilidade.

Considerações finais

Os jovens se encontram em período de transição nas fases da vida, da adolescência para o mundo adulto, e parece que o uso dos dispositivos móveis acelera e contribui para essa transição, a partir do imediatismo da comunicação. Nesse sentido, eles parecem ser incluídos numa nova etapa na qual várias facilidades estão a sua disposição, incluindo-se a visibilidade e a proximidade com quem está distante.

Assim, no novo mundo admirável, a comunicação e a identidade se misturam, permitindo a descoberta de novas identidades. A relação dos eixos também nos faz pensar que os meios de comunicação (no caso, os dispositivos móveis) contribuem para uma sociedade contemporânea em ritmo de transformações. Para Martino (2010):

As identidades contemporâneas passam pela mídia, se articulam com as pessoas e se transformam em novos modelos de compreensão. A ideia, aqui, é mesmo de articulação como um processo de mão dupla, uma dialética entre o poder dos meios de comunicação em contraste com as possibilidades de resistência dos indivíduos, dos grupos e das comunidades, não apenas recebendo as mensagens da mídia e articulando-as em seu universo social, mas também produzindo sua própria comunicação, em qualquer esfera (MARTINO, 2010, p. 16).

Em suma, a mídia afeta as pessoas e se deixa afetar por elas, por suas expectativas e desejos. Nesse contexto tecnológico, os dispositivos causam modificações nas relações sociais. Entretanto, os fatores de individualidade e variações na identidade podem vir a sofrer mudanças por outros motivos além dos mostrados neste texto. Assim, a pesquisa representou apenas um passo na percepção dessa realidade, uma vez que as mudanças influenciadas pelos dispositivos da comunicação tecnológica necessitam de estudos complementares, que aproximam a comunicação de outros campos do conhecimento social e humano, a exemplo da psicologia e sociologia.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**, São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FERREIRA, Lygia Socorro Sousa. **Cultura, Imaginário e Juventude**: a influência da Internet no imaginário de Jovens Brasileiros. São Paulo, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed., 1. Reimp. – Rio de Janeiro, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. . **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010.

NEVES, José Luís. **Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, nº 3, 2º SEM, 1996.

TRAMONTANO, Marcelo. **Apartamentos, arquitetura e mercado**: estado das coisas. In: Oficina Verticalização das cidades brasileiras, São Paulo, 2002.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** uma teoria crítica das novas mídias. Editora Sulina. Porto Alegre, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. Paulus. São Paulo, 2003.